

Cultura



Paulo de Campos

Silvio Genro

Destaco uma das maiores expressões do cancionero popular regionalista do Rio Grande do Sul: o poeta e compositor uruguaianense Silvio Aymone Genro. A razão desta homenagem, não é o seu reconhecido, respeitado e inegável talento; e sim a sua sincera, bonita, pura e perpétua amizade. O que, por si só, se justifica. Mas vamos além: nossa forma de pensar o fazer cultural de nosso estado. Ele, lá em Uruguiana (fronteira com a Argentina); eu, aqui no litoral. Extremos? Opostos? Longínquos?... Não! Conscientes raízes buscando o novo. Contestadoras, corajosas e comoventes sinceridades. Ádua e dura luta pelo crescimento e solidificação da nossa cultura em toda a sua plenitude e diversidade. Isso se faz tão necessário e atual.

Assim é apresentado Silvio Genro: Silvío foi guri campeiro e aprendeu a "acolher as letras" com professora de campanha durante a infância vivida entre os horizontes largos de Plano Alto, 3º Distrito do Município de Uruguiana, o que explica seu profundo amor às raízes e também as asas ágeis de sua poesia social e libertária. Construiu o seu primeiro "instrumento musical", uma violinha de caixa de goiabada, com cordas feitas de quatro fios da cola de algum matungo (cavalo), aos nove anos.

A visão maior de mundo veio da metamorfose de saberes vivenciada nos tempos de internato no "Colégio dos Padres", o centenário Colégio Santana. Foi lá que aprendeu com o colega e mestre Mário Barbará, as primeiras lições de composição e a "arranhar" algumas notas no violão. Época também, da militância na política estudantil através da União Estudantil Uruguaianense, naqueles árduos e bons tempos da juventude inquieta e contestadora das décadas de 60 e 70.

O espírito crítico, idéias e ideais,

amadureceram ao longo dos cursos de Estudos Sociais e História no fértil convívio acadêmico Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uruguiana. Foi artesão "hippie" na década de setenta, sua primeira atividade remunerada. Na 7ª edição do festival Califórnia da Canção estreou como compositor nativista pelas mãos do "Grupesquisa" com a composição "Tempos de Seca", logo premiada como Música Mais Popular do Festival. A partir de 1983 inicia carreira como intérprete de composições de sua autoria e parceiros, especialmente as de maior apelo popular, formando junto com Caio Silva, Getúlio Rodrigues, Mauro Greco, Cleber Soares e Marcelo Quadros o "Grupo Macanudo", com o qual conseguem várias premiações de "Música Mais Popular" chegando a atingir o sucesso junto ao grande público dos Festivais Nativistas do Rio Grande do Sul.

Nos últimos anos exerce a profissão de professor em escolas públicas de Uruguiana, paralelamente as suas atividades

artístico-literárias.

Como poeta, músico, compositor e jurado, tem mais de trinta anos de participações no movimento cultural nativista do Rio Grande do Sul, tendo vencido diversos festivais do gênero e premiado em outros tantos, entre eles, foi ganhador da Calhanda de Ouro na 25ª Califórnia da Canção Nativa, o mais cobiçado prêmio dos festivais gaúchos. Lançou dois discos autorais: "Causos e Canções" em 2003 e "Violinha" em 2008.

Seja como Poeta ou Professor, seu trabalho consciente e crítico nas áreas de educação e cultura sempre denunciou uma profunda vocação, teimosia até, em apresentar-se como agente de transformação da sociedade através de tudo o que aprendeu a ver, ouvir, pensar e sentir a respeito do seu tempo, do seu lugar e da sua gente.

Dizia o poeta, músico, cantor e compositor gaúcho Luiz Menezes: "O talento, aliado a linhagem humanística de Silvio Genro, o torna uma das maiores expressões .

do cancionero popular regionalista do Rio Grande do Sul. Da poesia do Silvio sempre esperamos o bonito nostálgico mesclado a uma comovente sinceridade, seja cantando o seu amor as coisas da querência ou, as alegrias e amarguras de nossa gente."

Segundo o poeta e escritor Alcy Cheuiche: "Os poemas-terra de Silvio Aymone Genro abrem, com suas mágicas vibrações, os subterrâneos da alma e revelam tesouros de sensibilidade. Têm cheiro de bem-me-quer, gosto de pitanga e cor de campo, pampa e querência, são versos para sobreviverem aos tempos. Novos como a lua nova. Antigos como a lua no céu."

Usando a imagem das cidades de Lona (formavam-se grandes acampamentos nos festivais), já no final dos anos oitenta, Silvio vislumbrava - de uma forma bem humorada, mas cheia de verdades - a decadência dos festivais nativistas ditos "fechados" que insistiam e em regram, direcionar e rotular a nossa cultura:

"...Nossos êxodos rurais
Eram recantados pago a fora
Por nós, burgueses disfarçados
Em "Chico-Buarques" de esporas

E pelas cidades de lona
O povo não tava nem aí
E misturava Pink Floyd
Com Noel Guarani

Hoje os festivais de chatice nativa
são tudo uma mesmice só,
Onde o que se canta de novo
é mais velho que a minh'avó!

A pobre música campeira
Que, atualmente, a gente faz
Pedro Raymond já fazia -
E bem melhor - anos atrás

E pelas cidades de lona
O povo não tava nem aí
E o nativismo desbotava
Junto com as "bombachas Lee"

E agora, que o sonho nativo
Acabou nesse pesadelo infeliz
Sem democratizar os campos
Nem agachar o país.

Hoje nos dói na consciência
Ver que tudo o que se fez
Foi tão somente perpetuar

O "status quo" dos CTGs
E pelas cidades de lona
O povo não tava nem aí
E "dê-le que dê-le"

"Velho Barreiro" com abacaxi..."

Outros versos marcantes de Silvio Genro:

"Se os senhores da guerra
mateassem ao pé do fogo
deixando o ódio pra trás
antes de lavar a erva
o mundo estaria em paz."

"Terra da gente,
essência de gente e terra,
que lições de vida encerra
terra humilde e tão capaz!
E pensar que ainda há gente
que em teu nome faz a guerra
sem saber que gente e terra
são sinônimos de paz!!!"

"Atenção no interior,
Nico changueiro, onde se encontrar...
Peço que venhas ou mande dinheiro.
-Quem ouvir este, favor lhe avisar..."

"E o velho peão, afinal
Terá sua compensação:
-No fim do mês, Funrural,
No fim da vida, abandono e solidão..."

"Pra construir consciências,
afrontar a prepotência
e denunciar a omissão...
Pra unir, anseio e ação
e enfrentar a tirania,
ou semear democracia,
- nos basta, verso e canção!"

